



JORNAL A CRUZADA E O ANTICOMUNISMO: FORMAÇÃO SOCIAL DOS INTELLECTUAIS CRISTÃOS

Amanda Marques dos Santos¹

RESUMO

Este artigo investiga a formação social dos intelectuais cristãos responsáveis pela produção do jornal *A Cruzada*, importante periódico sergipano que existiu de 1918-1970, de modo que seja possível refletir como tal formação influenciou o discurso anticomunista encontrado neste jornal. É importante salientar que o presente trabalho é um recorte da pesquisa de mestrado em desenvolvimento intitulada como Igreja, Poder e Imprensa: O ideário anticomunista no semanário sergipano *A Cruzada* (1937-1970). A análise de discurso é uma importante metodologia de pesquisa, e foi entendida como um modo de entender a língua/texto a partir dos campos simbólico e social dos sujeitos. O jornal *A Cruzada* foi escolhido por ser visto como uma ferramenta de propagação do discurso religioso e ideológico de uma ala conservadora da Igreja Católica entre a população sergipana, podendo ser visto como um local de reprodução de ideologias. Por fim, foi possível concluir, apesar desse jornal ser visto pela historiografia como essencialmente conservador, que durante o período que corresponde a Ditadura civil-militar o jornal *A Cruzada* apresenta postura moderada, se aproximando, inclusive, do pensamento progressista.

Palavras-chave: Igreja Católica; *A Cruzada*; Anticomunismo.

NEWSPAPER A CRUZADA AND ANTICOMMUNISM: SOCIAL FORMATION OF INTELLECTUAL CHRISTIANS

ABSTRACT

This article investigates the social formation of christian intellectuals responsible for the production of *A Cruzada*, an important Sergipe newspaper that existed from 1918-1970, so that it is possible to reflect on how this formation influenced the anticommunist discourse found in this newspaper. It is important to point out that the present work is a cut of the master's research in development entitled Church, Power and Press: The anticommunist ideology in the Sergipe weekly *A Cruzada* (1937-1970). Discourse analysis is an important research methodology and was understood as a way of understanding the language / text from the subjects' symbolic and social fields. The newspaper *A Cruzada* was chosen because it was seen as a tool for spreading the religious and ideological discourse of a conservative wing of the Catholic Church among the Sergipe population, and could be seen as a breeding ground for ideologies. Finally, it was possible to conclude, although this newspaper was seen by historiography as essentially conservative, that during the period corresponding to the Civil-Military Dictatorship, the newspaper The Crusade presents a moderate posture, approaching even progressive thinking.

Keywords: Catholic Church; *A Cruzada*; Anticommunist.

¹ Graduada em História pela Universidade Federal de Sergipe. Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe- Bolsista CAPES. Integrante do grupo de pesquisa Poder, Cultura e Relações Sociais na História da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: amandamarques.ufs@gmail.com



1. Introdução

O jornal *A Cruzada* foi fundado em 1918 por Dom José Thomaz Gomes Silva² e existiu até o ano de 1970. Sua redação funcionava no próprio Seminário Diocesano, localizado na cidade de Aracaju, sendo sua produção responsabilidade da Arquidiocese. Possuía uma tiragem semanal, e havia três aspectos básicos que formavam os pilares deste jornal católico: cultura, instrução e fé. Com o levantamento e análise das fontes, foi possível perceber que tanto a tiragem como a quantidade de páginas variou bastante de acordo com os anos, havendo anos com quatro páginas, outros com seis páginas e até anos com dez páginas.

Este periódico foi visto pela historiografia como um jornal representativo da ala conservadora da Igreja Católica local. No entanto, com a presente pesquisa busca-se questionar tal postura, uma vez que com a análise do jornal *A Cruzada* foi possível identificar matérias que se aproximam de um ideário progressista. Para esse questionamento a análise da formação social dos envolvidos na produção do jornal se tornou fundamental, uma vez que possibilita pensar este grupo como pouco homogêneo.

No primeiro ano de existência, o jornal tinha como frase destaque “Órgão oficial da Diocese”. O seu primeiro número foi publicado no dia 2 de junho e foi composto por quatro folhas, sendo a última reservada para propagandas. Nesse primeiro momento, não foi identificado no corpo do jornal quem foi o primeiro diretor e quais os intelectuais que estavam envolvidos em sua produção, mas, de acordo com o que foi encontrado no livro do Tombo da Cúria de Aracaju é possível afirmar que seu primeiro diretor foi o monsenhor Adalberto Sobral e teve diversos sacerdotes e distintos católicos como colaboradores.

A presente investigação será centrada nos exemplares que circularam durante o Estado Novo e a Ditadura civil-militar, de modo que seja possível desenvolver uma análise comparativa do discurso anticomunista. É importante salientar que durante os dois golpes de Estado o jornal manteve uma aproximação com as ideias propagadas pelos regimes autoritários. O Estado Novo foi deflagrado no dia 3 de novembro de 1937 e o periódico não teve circulação nessa semana, voltando apenas no dia 14 de novembro,

² Andrade Junior (2010) afirma que “D. José nasceu em Martins, cidade do Rio Grande do Norte, em 4 de agosto de 1837. Filho do juiz de direito Dr. Thomas Gomes e Anna Constança da Silva, iniciou seus estudos eclesiásticos no seminário de Olinda, em 1891. Em 1894, ingressou no Seminário da Paraíba, recebendo as ordens sacerdotais nesta escola (...) nomeado Bispo de Aracaju em 1911, por Pio X, com a sagração na Catedral de Paraíba no mesmo ano. Faleceu em Aracaju, em 1948” (ANDRADE JUNIOR, 2010, p.108).



falando sobre o novo regime instaurado e sobre a esperança de um Brasil melhor para todos. Como o periódico não teve circulação no ano de 1964, ficou-se impossibilitado de compreender a postura de *A Cruzada* imediatamente após a instauração da ditadura de 1964.

Ibarê Dantas (2013) e Péricles Moraes de Andrade Junior (2010) defendem que existe por trás da fundação do jornal *A Cruzada* forte interesse por parte do clero em aproximar a Igreja do Estado, levando em consideração que esta separação foi oficializada com a Constituição Federal de 1891. Tais colocações se aproximam daquilo que Motta (2000, p.45) destaca, ao dizer que é preciso compreender a postura anticomunista do clero brasileiro como algo que faz parte de uma engrenagem maior, ou seja, uma “reconquista espiritual do povo brasileiro”, haja vista que com a República a Igreja Católica perdeu, de certa forma, a sua posição na sociedade.

Dantas (2013) afirma, ainda, que em Sergipe o maior sinal da tentativa da Igreja em se aproximar do Estado foi a criação de *A Cruzada*, em 1918. Dessa forma, Andrade Junior (2010) destaca que a relação entre Estado e Igreja era evidente a partir do referido periódico, afinal o “o jornal foi consagrado ‘à defesa dos interesses da religião, da Pátria e do Estado’ (ANDRADE JUNIOR, 2010, p.162).

É difícil falar em uma uniformidade do pensamento dos intelectuais responsáveis pelo jornal *A Cruzada*, pois, como será tratado adiante, foi possível notar que na década de 1960 o jornal modifica em algumas matérias a sua postura. Reflexões importantes a esse respeito são desenvolvidas por Severino Vicente da Silva (2003), em sua tese de doutoramento que posteriormente se transformou em livro.³ No periódico aqui analisado, Dom Luciano Duarte, tido como intelectual conservador, em algumas matérias apresenta traços progressistas. Tal aproximação do jornal, considerado pela historiografia como conservador, com o progressismo fica evidenciado, inclusive, com a aproximação de seu discurso aos ensinamentos propostos pelo Concílio Vaticano II.

Utiliza-se aqui fontes do arquivo da Cúria Metropolitana de Aracaju e o próprio jornal *A Cruzada*. De modo a auxiliar nos dados aqui disponíveis, foi possível ter acesso

³ O referido autor defende que mesmo a Arquidiocese de Olinda e Recife, vista como progressista, apresentava na verdade traços também conservadores. Para tanto, faz uma análise da trajetória desta Arquidiocese e de seus bispos, como uma forma de identificar a postura destes frente à Arquidiocese. Salienta ainda a forma como os católicos – fiéis ou membros da hierarquia – estão sempre ligados a uma obediência a Igreja Católica Romana, justamente por isto não pretendem separar-se desta. Fato este evidenciado até mesmo na postura de Dom Hélder Câmara após aposentar-se de seu cargo. “Quem não calou diante dos poderosos do mundo para denunciar as injustiças, quem não calou diante dos ditadores denunciando a prática de torturas, calou-se diante da palavra que vem da autoridade religiosa.” (SILVA, 2003, p.203).



também ao arquivo da Comissão Estadual da Verdade – Jornalista Paulo Barbosa de Araújo, criada em 2015 com o objetivo de identificar e tornar pública as violações aos Direitos Humanos ocorridas em Sergipe entre os anos de 1946 e 1988, ou ainda contra sergipanos que viviam em outras localidades.

Diante dessas considerações iniciais, é possível salientar que defende-se a existência de uma heterogeneidade no pensamento conservador sobre o anticomunismo apresentado no jornal *A Cruzada*. De tal forma que se busca identificar no grupo de intelectuais os embates teóricos e matrizes de ideias, haja vista Dom José Vicente Távora, um dos principais nomes da resistência católica à ditadura de 1964 em Sergipe, comunga do pensamento do clero progressista relativo à questão social, e exerceu grande influência na produção do jornal.

2. Formação social dos intelectuais

Um dos aspectos centrais para este trabalho é compreender a origem social dos envolvidos na produção do jornal *A Cruzada*, de modo que seja possível realizar uma correspondência com a ideologia deste periódico católico. Para tanto, busca-se compreender os sujeitos históricos envolvidos na produção deste periódico como uma forma de identificar em que medida o discurso anticomunista dialogou com o universo de ideias provenientes do seu pertencimento a um determinado grupo social. Nesse sentido, pretende-se ir além da suposição de que sua ocupação e respeito pela hierarquia dentro da instituição foram os únicos determinantes do discurso. Investiga-se, ainda, as trajetórias individuais destes intelectuais como uma forma de compreender a visão de mundo adotada por estes sujeitos no contexto em que viveram e como essa se apresentou no discurso jornalístico *A Cruzada*.

O corpo editorial foi composto sempre por membros da Igreja e por intelectuais católicos que faziam parte do laicato, entre os quais foram identificados principalmente professores e jornalistas. Levando em consideração que o jornal possuía um alto número de colaboradores, sejam regulares ou ocasionais, procura-se centrar a análise da formação social dos sujeitos a partir dos membros mais constantes e que assumiram a responsabilidade de garantir a circulação do jornal, como os diretores e dos redatores durante o recorte temporal aqui adotado.

Nos anos que correspondem ao Estado Novo, tanto o diretor como os redatores se mantiveram nos cargos por um bom tempo, o que evitou uma alta rotatividade dos

ocupantes. Ao observar a tabela 1 intitulada como Relação dos diretores e redatores, nota-se que esse aspecto muda nos anos que correspondem a Ditadura Civil-Militar.

RELAÇÃO DOS DIRETORES E REDATORES DO JORNAL *A CRUZADA*

ANO	DIRETOR	REDATOR-CHEFE	FRASE DESTAQUE
1937	Padre João Moreira Lima	Diversos	Órgão da Ação Católica
1938	Padre João Moreira Lima	Conego Edgar Brito	Órgão da Ação Católica
1942	Padre João Moreira Lima	Padre Manuel Soares, Cônego Avelar Brandão Vilela e padre João.	Órgão da Ação Católica
1943	Cônego João Moreira Lima	Padre Manoel Soares	Órgão da Ação Católica
1944	Cônego João Moreira Lima	Padre Manoel Soares	Não consta
1945	Cônego João Moreira Lima	Padre Manoel Soares	Não consta
1965	Padre Ovídio Valois Correia	João Oliva Alves	Órgão da Arquidiocese de Aracaju
1966	Padre Balbino José Marques	João Oliva Alves Ivo Marques de Barros Antônio Francisco de Jesus	Órgão da Arquidiocese de Aracaju
1967	Padre José Padilha (até agosto) L M Gonçalves	Antônio Francisco de Jesus (até abril) Mac Dowell Holanda	Órgão independente e noticioso
1968	Luiza Maria Gonçalves (Diretora-redatora) Pedro da Silva Bastos (Diretor-gerente)	Mac Dowell Holanda (até junho)	Órgão independente e noticioso
1969	Luiza Maria Gonçalves (Diretora) Pedro da Silva Bastos (Diretor-gerente) D. Luciano Duarte (Diretor-Presidente)	Ana Lucia da Silva	Órgão noticioso, apolítico e independente
1970	Luiza Maria Gonçalves	Ana Lucia da Silva	Órgão noticioso, independente e apolítico

Tabela 1
Fonte: Elaborada pela autora

Ao realizar o levantamento dos dados biográficos dos envolvidos na produção do referido jornal, foi possível levantar diversas informações. Entretanto, diante da dificuldade de acesso aos documentos da Igreja Católica presentes no arquivo da Cúria Metropolitana de Aracaju, tais dados ficaram, até o presente momento, incompletos. No livro de Tombo da Cúria foram apenas encontradas algumas informações iniciais sobre os membros da Igreja que faziam parte do corpo editorial do jornal *A Cruzada*. Também se utilizou de alguns documentos disponíveis no acervo da Comissão Estadual da Verdade



– Jornalista Paulo Barbosa de Araújo. Essas informações foram complementadas com dados trazidos por Raylane Andreza D. Navarro Barreto na dissertação intitulada: *Os padres de D. José: Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933)*, defendida em 2004.

Ao observar a tabela 1, percebe-se que nos últimos anos de existência do jornal, este passou a ser produzido por mulheres, coincidindo com uma mudança também na frase de destaque do jornal, o seu título é alterado de algo marcadamente religioso para passar a se denominar como “Órgão noticioso, independente e apolítico”. Sobre Ana Lucia da Silva, infelizmente, até o presente estágio da pesquisa não foram encontrados dados bibliográficos, restando apenas a informação de que era professora e jornalista, dados citados no corpo do próprio jornal.

A diretora Luiza Maria Gonçalves, que era professora e jornalista, filha de Antônio Deusdedit Gonçalves e Maria Luiza Gonçalves, nasceu em Minas Gerais. A seu respeito foi possível identificar algumas referências nos documentos do Serviço Nacional de Informação (SNI), disponibilizados no arquivo da Comissão Estadual da Verdade de Sergipe – Jornalista Paulo Barbosa de Araújo. Consta, nesta fonte, que traz sua ficha individual elaborada em 1969, que ela veio de Minas Gerais a convite do Arcebispo D. Távora, e que este lhe deu o cargo de direção do jornal *A Cruzada*⁴. Além das atividades desenvolvidas no jornal, ela também leciona nas Faculdades de Serviço Social e Filosofia. Neste mesmo documento, ela é colocada como alguém que exerce a cátedra de Antropologia Cultural e sempre que possível incute em seus alunos ideias que vão de encontro aos ideais do governo, sendo vista ainda como “antirrevolucionária”⁵.

O padre Edgar Brito (1907-1989) nasceu em Gararu/SE, em 1907, tendo sido ordenado padre por Dom José Thomas, em 1930. Seus pais, Manuel Vicente Brito, um canoieiro, e Maria Pureza de Brito, o matricularam inicialmente em um colégio de Gararu, de onde saiu para estudar na cidade de Penedo/AL. Lecionou no próprio seminário ainda como seminarista, onde foi, assim que ordenado, vice-reitor (1930). Em 1947, foi eleito Deputado Estadual, e enquanto tal lutou pela inserção do nome de Deus na Constituição. Foi assistente eclesiástico da Juventude Operária Católica (JOC), bem como escreveu

⁴ Encaminha fichas individuais de professores, reitores e diretores de faculdade. SNI, ASV_ ACE_3937_82, 31 de março de 1969. Arquivo da Comissão Estadual da Verdade – Jornalista Paulo Barbosa de Araújo. Localizado na avenida Augusto Maynard, 321, 2º andar, Aracaju/SE.

⁵ Deve-se levar em consideração que o golpe de Estado de 1964 foi associado, por seus defensores, a uma Revolução, que tinha como principal objetivo barrar o comunismo da sociedade brasileira. É justamente nesse contexto que Luiza Maria Gonçalves é colocada como “antirrevolucionária”, uma vez que seria contra a Revolução de 1964.



diariamente para o jornal “O Estado de Sergipe”, tendo-o adquirido, através da compra, deu-lhe o nome de “Folha da Manhã”.

João Moreira Lima (1910-1996), por sua vez, nasceu em Capela/SE em 1910, sendo ordenado também por Dom José Thomas, em 1934. Órfão, acabou sendo adotado pela viúva D. Margarida Rodrigues Vieira Coelho, que fazia parte da família de Simeão Sobral. Ele foi o padre que ficou a maior quantidade de anos na direção do jornal, de 1937-1945. Foi ele também quem fundou, em 1935, o Círculo Operário Católico de Sergipe⁶. Sobre ele, Barreto (2004, p.101) afirmou que foi um crítico do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e da União Democrática Nacional (UDN), uma vez que esta foi apoiada pelos comunistas nas eleições de 1947.

Avelar Brandão Vilela nasceu em Viçosa/AL (1912-1986) e foi ordenado padre por Dom José Thomas em 1935, sendo filho dos donos de engenho Elias Brandão Vilela e Isabel Brandão Vilela. Fez parte de uma família de longa tradição vocacional, tendo tios, primos e até mesmo duas irmãs na carreira religiosa. Posteriormente, foi durante algum tempo professor do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Foi Bispo de Petrolina, Arcebispo no Piauí e Bahia. É importante mencionar que, segundo Barreto (2004, p.96), este padre se envolveu em diversas questões sociais, chegando a distribuir terras da Igreja para os mais pobres.

Manuel Soares nasceu em Propriá/SE, em 1914, e foi ordenado padre por Dom José Thomas, em 1937. Tal como os outros padres citados aqui, ele foi também professor do Seminário Sagrado Coração de Jesus das disciplinas de História Geral, História do Brasil e Literatura. Foi também Capelão do Hospital Santa Isabel e da Penitenciária de Aracaju. As informações que se têm sobre sua vida sacerdotal são poucas, supõe-se que o motivo foi o fato dele ter abandonado o sacerdócio para casar-se, como bem salienta Barreto (2004). Até o momento não foram encontradas informações sobre sua esposa.

José Padilha de Oliveira nasceu no dia 10 de outubro de 1939, em Tobias Barreto/SE, filho de Pedro Correia de Oliveira – um guarda fiscal de um dos postos da Secretária da Fazenda- e Alzira Padilha de Oliveira. Aos doze anos, foi para a capital estudar no Seminário Arquidiocesano, depois buscou um seminário maior no Rio Grande do Sul, sendo ordenado sacerdote em 1965, por Dom Vicente Sherer. Logo depois de

⁶ Este Círculo foi bastante noticiado nas páginas do jornal *A Cruzada*, aparecendo em quase todas as edições dos anos iniciais que foram analisadas para a presente pesquisa. Aparecia notícias sobre campanhas para levantar fundos e as obras deste Círculo, como os eventos realizados, os gastos, bem como de assuntos variados. É importante salientar que o Círculo Operário de Sergipe fez parte de um projeto mais amplo da Igreja Católica, de modo que visava trazer os trabalhadores para o seio da Igreja.



ordenado, foi designado por Dom Távora para a direção de *A Cruzada*, ou seja, em 1965. Desenvolvia também as atividades de pároco e de professor em vários colégios da capital. Após nove anos de sacerdócio, decidiu deixar o clero por questões relativas ao celibato. Assim, sobreviveu alguns anos exclusivamente como professor até se formar em direito pela Universidade Federal Sergipe e começar a advogar.

Dom Luciano José Cabral Duarte nasceu em Aracaju/SE no dia 21 de janeiro de 1925, filho do casal José de Góes Duarte e de Célia Cabral. Nasceu, como bem destaca Giselda Moraes (2008), da união de duas famílias sergipanas ligadas a uma forte tradição literária e intelectual. Com onze anos de idade, foi para o Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus de Aracaju começando sua trajetória de sacerdote ainda criança. Do Seminário em Aracaju, foi para o Seminário Maior de Olinda, em Pernambuco, no ano de 1942, onde permaneceu estudando Filosofia e Teologia. Ordenou-se padre em 1948 pelo Seminário de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, retornando em seguida para Aracaju. Teve várias ocupações, seja na área religiosa ou educacional, pode-se citar: diretor do jornal *A Cruzada*, assistente eclesialístico da JUC (Juventude Universitária Católica), professor e diretor da Faculdade de Filosofia e um dos criadores da Universidade Federal de Sergipe, em 1968.

Foram encontradas referências ao padre Ovídio Valois Correia em um documento do Serviço Nacional de Informação (SNI) de 1972, que buscava maiores informações sobre os considerados “esquerdistas” da Universidade Federal de Sergipe⁷. Afirma-se que ele foi filho de Ovídio Valois Correia e Elvira Batista de Valois Correia, sendo citado como um professor da Escola de Serviço Social da Faculdade de Filosofia e do Colégio Salesiano que fez claras oposições a “Revolução” de 1964. De um modo geral, é possível afirmar que ele foi um dos principais nomes entre os envolvidos na criação da UFS. Ainda nesse sentido, foi possível identificar um outro documento deste mesmo ano que busca fazer um levantamento em diversos órgãos – Ministério do Exército, Secretaria de Segurança pública, 6ª Região Militar de Salvador – das informações que possuem sobre este padre. Aqui novamente ele é colocado como membro da ala “esquerdistas” do clero.⁸

⁷ Registro de antecedentes. SNI, AC_ ACE_59182_72, 08 de junho de 1972. Arquivo da Comissão Estadual da Verdade – Jornalista Paulo Barbosa de Araújo. Localizado na avenida Augusto Maynard, 321, 2º andar, Aracaju/SE.

⁸ Ovídio Valois Correia. SNI, ASV_ ACE_4536_82, 29 de setembro de 1972. Arquivo da Comissão Estadual da Verdade – Jornalista Paulo Barbosa de Araújo. Localizado na avenida Augusto Maynard, 321, 2º andar, Aracaju/SE.



As informações de que dispomos de Mac Dowell Holanda – americano que vivia no país – e Pedro da Silva Bastos é a de que eles eram jornalistas que atuavam em Sergipe, nesse contexto analisado, mas até o presente momento pouco foi encontrado. A respeito de João Oliva Alves sabe-se que ele também foi um jornalista e que saiu do cargo que ocupava em 1965, pois foi aprovado em um concurso do Tribunal Regional Eleitoral, informação disponibilizada no próprio jornal *A Cruzada*. Nasceu em 1922, em Riachão do Dantas, ocupando atualmente a cadeira 24 da Academia Sergipana de Letras. Formou-se em Direito, mas desde muito cedo começou a exercer a atividade de jornalista. Sua atuação em jornais começou ainda em sua cidade natal, de onde enviava textos para a capital e o interior. Já em Aracaju, fez parte de vários jornais, a exemplo dos impressos *Gazeta de Sergipe*, *A Cruzada* e *Diário de Aracaju*, além de ter participado da Rádio Cultura de Sergipe.

Tal como o padre Valois, João Oliva Alves é citado no documento do Serviço Nacional de Informação (SNI), sendo colocado como “Ex-Secretário de imprensa do Ex-Governador Seixas Dória, esquerdista e antirrevolucionário”. Ele é ainda acusado de usar as oportunidades que a cátedra lhe propiciava para fazer propaganda contra a “Revolução”.⁹

Dispõe-se de poucas informações a respeito do padre Balbino José Marques, que foi diretor do jornal *A Cruzada* durante o ano de 1966. A partir de uma matéria do ano de 1970¹⁰, sabe-se que ele deixou Sergipe neste ano, depois de um longo período no estado foi com destino a Santa Catarina, onde morava sua família. Além de diretor do periódico católico, foi também pároco da cidade de São José do Pinhão.

Antônio Francisco de Jesus nasceu em Itabaiana e possui vários livros no campo literário. Exercendo por muitos anos as atividades de jornalista no jornal *A Cruzada* e na Rádio Cultura de Sergipe. Estudou no Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus, e de lá foi para o Atheneu Sergipense e, na Universidade Federal de Sergipe, se formou em economia em 1971.

Tais informações nos permitem concluir que os envolvidos na produção do jornal, no período que corresponde ao Estado Novo, se vinculavam aos grupos mais conservadores, daí o total apoio dado as ações do governo autoritário. Entretanto, de

⁹ Registro de antecedentes. SNI, AC_ ACE_59182_72, 08 de junho de 1972. Arquivo da Comissão Estadual da Verdade – Jornalista Paulo Barbosa de Araújo. Localizado na avenida Augusto Maynard, 321, 2º andar, Aracaju/SE.

¹⁰ Pe. Balbino deixa Sergipe. *A Cruzada*, Aracaju, p.1, 21 mar. 1970.



acordo com o que foi encontrado nos documentos do arquivo da Comissão Estadual da Verdade – Jornalista Paulo Barbosa de Araújo, e em outras fontes, os intelectuais que auxiliaram na produção do jornal durante o período que correspondeu a Ditadura civil-militar se aproximaram de grupos que são criticados pelos militares, talvez este seja um aspecto importante para se pensar a mudança da postura do jornal nesse período, se aproximando, inclusive, de grupos mais progressistas.

Outro exemplo que é possível citar acerca da posição dos intelectuais responsáveis pelo jornal, no período que corresponde a ditadura de 1964, é a existência, mesmo em se tratando de um jornal tido pela historiografia como conservador, de um processo sofrido pelo jornal *A Cruzada* acerca de um posicionamento político em uma matéria. O documento que faz referências ao ano de 1969 não fornece muitas informações, pois o processo é citado apenas de maneira secundária. Nesse sentido, o objetivo principal do processo foi realizar um levantamento sobre uma notícia do *Jornal da Cidade* que critica a escolha do desembargador Serapião de Aguiar Torres para cursar a Escola Superior de Guerra, afirmando que tal escolha foi motivada por existir uma aproximação familiar com o atual diretor da ESG, falando, inclusive, no decorrer do processo, das irregularidades existentes entre os membros do Poder Judiciário de Sergipe. Ao fazer o levantamento sobre este indivíduo, foi encontrado um processo pelo qual passou o Jornal *A Cruzada*. Nota-se que o processo contra o jornal católico foi iniciado em decorrência de um artigo publicado e que atacava elementos do judiciário, todavia, após uma nota da Arquidiocese de Aracaju, o processo foi arquivado.¹¹

Por mais que estes padres não fizessem parte de famílias ricas e de renome na sociedade é possível destacar que eles estavam em famílias que faziam parte dos escalões superiores da hierarquia social. E, inclusive, a ida dos jovens para a vida religiosa poderia ser uma forma de ampliar ou reacender o prestígio social da família, pois aquela que tivesse um sacerdote entre seus membros era sempre bem vista, tanto pela própria população como pela Igreja, afinal era considerada mais respeitável.

Diante do que foi visto até aqui, é possível concluir que como faziam parte da classe média, o discurso encontrado no jornal se aproximava, evidentemente, dos valores tradicionalmente identificados com esta classe. Mas, ao mesmo tempo, é inegável a influência da formação religiosa que estes indivíduos tiveram. Este fato pode ser

¹¹ SNI, ASV_ ACE_3271_82, 23 de março de 1976. Arquivo da Comissão Estadual da Verdade – Jornalista Paulo Barbosa de Araújo. Localizado na avenida Augusto Maynard, 321, 2º andar, Aracaju/SE.



visualizado nos casos de padres que estavam mais próximos das questões sociais, aspecto que possibilita pensar a Igreja como um corpo heterogêneo.

Com base nos dados encontrados, e levando em consideração as trajetórias individuais desses sujeitos, é possível afirmar que eles não vinham dos estratos sociais mais baixos, já que tiveram acesso à escolarização em uma época em que ela não era tão difundida. Estas considerações também podem ser estendidas para os professores e jornalistas envolvidos na produção do jornal, pois eles possuíam contatos com pessoas que estavam próximas dos círculos de poder da sociedade, seja a partir da política ou até mesmo da Igreja.

Um indício desse aspecto, é a análise dos requisitos para a admissão no Seminário haja vista a exigência de atestados de saúde, de sanidade mental, certidão de casamento religioso dos pais, bem como uma carta de recomendação confirmando sua idoneidade e sua vocação para o sacerdócio (BARRETO, 2004, p.41-42). Para além dessas condições, ainda era necessário o pagamento de uma taxa de matrícula e mensalidade.

3. Conservadorismo e o discurso anticomunismo no jornal *A Cruzada*

O jornal *A Cruzada* pode ser visto como um importante meio de propagar a visão de mundo da ala conservadora, ao menos majoritariamente, da Igreja Católica local. Nesse sentido, manteve, durante toda sua existência, um discurso anticomunista, devido ao fato de este ser visto como uma espécie de concorrente da fé cristã, o que ficou evidenciado em matérias e editoriais de natureza diversas.

Durante o período que corresponde ao Estado Novo, o discurso do periódico dá ênfase à forma de como o comunismo é visto, como ateu e contrário aos ensinamentos cristãos – ideia que também é recorrente nos dias atuais. Essa postura contrária ao comunismo aparece em matérias que falam do comunismo russo, mas também em matérias que não possuem nenhuma relação explícita com a temática, como, por exemplo, uma análise sobre os feitos da República brasileira. Essas informações puderam ser observadas em páginas inteiras que tratavam exclusivamente deste assunto. De maneira diferenciada e um pouco menos frequente, mas ainda existente, tal postura está presente também durante o regime militar iniciado em 1964.

Havia no jornal *A Cruzada* uma tentativa por parte da Igreja Católica em combater o comunismo, por meio da construção da diferença entre eles e os comunistas. Essa realidade está presente em todo o recorte temporal adotado e é utilizada como uma forma



de reafirmar a identidade católica em contraposição a essas ideias. Durante o Estado Novo, a diferença não gira apenas em torno da oposição comunismo versus catolicismo, mas busca distinguir todos os seus adversários, a exemplo dos protestantes, espíritas e maçônicos, desqualificando sempre as práticas desses grupos. Durante a Ditadura, iniciada em 1964, essa oposição é relativamente minimizada, pois o discurso do jornal aparece fortemente influenciado pelas modificações advindas com o Concílio Vaticano II, aspecto este que será tratado adiante.

Uma forte oposição foi demarcada entre esses dois campos simbólicos que são fundamentalmente diferentes, ou seja, os comunistas e os cristãos. Embora a princípio não devesse ser excludente, já que um seria a representação de uma expressão religiosa e outra política. Para entender a necessidade da Igreja em construir essa oposição, é fundamental lembrar que o comunismo foi um tema presente durante boa parte do século XX em diversas partes do mundo, principalmente após a Revolução Russa, em 1917. Na década de 1920, surge no Brasil um movimento anticomunista, ampliando-se após o Movimento Comunista de 1935, como já foi citado anteriormente.

Os comunistas e os católicos constroem grupos de classificação, por meio do pertencimento a um determinado grupo e, por sua vez, do afastamento completo do grupo opositor. É possível perceber, a partir do discurso encontrado no jornal *A Cruzada*, que os comunistas são retratados como pagãos e contrários a Deus¹², evidenciando a impossibilidade de um católico poder ser comunista. Para além disso, esperava-se dos religiosos uma postura contra estes inimigos dos cristãos, nesse sentido, Pereira (2008) nos ajuda a chegar a esta conclusão, quando afirma que “o comunismo era entendido como um dos elementos que impediam a plena construção da neocristandade” (PEREIRA, p. 15, 2008).

Apesar de tal oposição ser predominante no discurso do jornal *A Cruzada*, pode-se afirmar que nos últimos anos de existência ele passa por uma mudança significativa nesse sentido. Não que eles deixem de condenar o comunismo e os comunistas, mas tal oposição se torna menos radical. Isso ficou evidente pois, em algumas matérias, afirma-se que poderia ser comunista e cristão ao mesmo tempo, desde que não se adote o aspecto ateu do

¹² Na matéria intitulada “Os dez mandamentos comunistas”, de 24 de janeiro de 1937, o primeiro mandamento colocado seria odiar o senhor vosso Deus. Em outra matéria, de 13 de junho de 1937, “Encíclica ‘Divini Redemptoris’ sobre o comunismo ateu”, este é colocado como uma humanidade sem Deus. Nota-se, de forma clara, a separação que é colocada entre a religião católica e o comunismo na prática discursiva deste jornal.



comunismo, permitindo, portanto, que o cristão se apegasse mais ao caráter econômico deste.

É possível visualizar ainda indícios dessa oposição em uma matéria publicada do dia 24 de janeiro de 1937¹³, na qual se descreve os dez mandamentos comunistas. Nota-se aqui que há uma clara oposição aos preceitos cristãos, tendo sido assinada pelo cônego Melo Lula. Segundo consta na matéria, o primeiro mandamento seria odiar a Deus, marcando com isso essa separação entre a religião e o comunismo. Mentir, furtar, matar e desejar a mulher do próximo também fazem parte dessa lista. Por fim, ele comenta que diante desse “tenebroso plano comunista” surge a necessidade de uma união sagrada de todos os filhos de Deus.

As identidades são historicamente determinadas, ou seja, a história é utilizada como uma ferramenta na sua afirmação. Dessa forma, apesar do comunismo ter passado de uma promessa e possibilidade teórica para algo concretizado apenas no início do século XX, com a tomada do poder pelos bolcheviques na Rússia em 1917, bem antes disso ele já era pensado como fundamentalmente diferente e/ou oposto dos cristãos. Portanto, ainda no século XIX, a Igreja Católica assume uma postura anticomunista, sendo esta uma importante instituição brasileira que apresentou um posicionamento de combate ao comunismo.

Esta preocupação da Igreja foi demonstrada em cartas encíclicas¹⁴, importante documento elaborado pelo papa, destinado aos bispos e cardeais de todo o mundo, como importantes fontes de orientação doutrinária da Igreja. Motta (2000, p.37) e Pereira (2008, p.97) afirmam que a primeira referência à oposição ao comunismo que aparece em cartas encíclicas ocorreu em 1878. Neste documento, o papa Leão XIII dava instruções de como manter os fiéis distantes de tais propostas, deixando claro que se tratava de uma seita de homens bárbaros, chamados de socialistas ou comunistas. Assim,

a igreja católica [foi] uma das instituições que mais se empenhou em fazer frente ao comunismo. O anticomunismo clerical ganhou força no Brasil devido às otimizadas relações que a instituição mantinha com as autoridades públicas e outros grupos sociais (PEREIRA, 2008, p. 71).

Como salienta Motta (2000), para compreender a formação dessa oposição é importante pensar que a preocupação da Igreja não residia apenas no medo das conquistas

¹³Esta matéria tem como título: “Os dez mandamentos comunistas”.

¹⁴ As principais cartas encíclicas publicadas, e que mostraram essa preocupação com o comunismo, foram: *Quod Apostolici Muneris*, de 1878; *Rerum Novarum*, de 1891; e *Divinis Redemptoris*, de 1937.



dos trabalhadores¹⁵, mas também no discurso pregado pelo comunismo, que ia de encontro aos fundamentos básicos das instituições religiosas. Diante disto, o referido autor afirma que o comunismo não se restringia a um programa de revolução social e econômica, mas tinha em sua base uma filosofia, ou seja, um sistema de crenças que fornecia uma explicação para o mundo, bem como oferecia um sistema de valores.

Foi possível constatar, no discurso do jornal *A Cruzada*, uma clara tentativa por parte do clero conservador sergipano em se diferenciar dos comunistas, demarcando assim o nós/eles. Estes católicos buscam, a partir da montagem de seus discursos, desqualificar o comunismo, apontando o interesse deles em construir uma clara oposição entre catolicismo e comunismo, com o objetivo de deixar claro a distinção nas identidades e posturas ideológicas destes dois grupos. Isto é, eles diziam que o outro é diferente e oposto aos católicos para reforçar os traços da sua própria cultura identitária.

Por fim, contextualizar essa oposição é algo bastante esclarecedor, isso porque a construção dessa diferença faz parte da retórica da Igreja Católica desde pelo menos o século XIX. Dessa forma, o discurso do referido periódico se aproxima das leituras bibliográficas feitas, já que tanto em um como no outro o comunismo é retratado como uma espécie de concorrente para a Igreja Católica.

4. Guinada progressista do jornal *A Cruzada*

A partir do ano de 1965 foram identificadas modificações na posição religiosa-política-ideológica do jornal, aproximando-se, inclusive, de uma postura mais progressista. Evidentemente que neste período a postura anticomunista permanece, mas é sensivelmente modificada. Nesse sentido, é importante mencionar que tais mudanças no periódico *A Cruzada* foram iniciadas no ano de 1965 e são mais evidentes no ano de 1968.

Após o ano de 1965, ano de sua reabertura depois de um ano com as atividades suspensas, o jornal se filia as ideias do Concílio Vaticano II e do bispo Dom José Vicente Távora. Esse fato se confirma em algumas matérias em que essa visão é colocada de maneira explícita, tais como “Aniversário do nosso arcebispo”¹⁶. Ao parabenizar Dom Távora pelo seu aniversário, o periódico destaca a sua importância para o ressurgimento

¹⁵ Isso porque, de maneira geral, o comunismo buscava uma sociedade igualitária, baseada, principalmente, na propriedade comum dos meios de produção.

¹⁶ Aniversário do nosso arcebispo. Jornal *A Cruzada*, Aracaju, p.1, 17 e 18 jul. 1965.



do jornal e a forma como ele está em consonância com os ensinamentos do Concílio Vaticano II. Inclusive, em outra matéria – “Uma Evidência Infeliz Envolve Arcebispo Brasileiro”¹⁷ – o jornal desmente a acusação de que haveria uma relação direta entre a Igreja Católica e o comunismo, a partir das ideias conciliares. Dessa forma, “pode-se afirmar, com absoluta segurança, que esse não é o pensamento nem dos padres conciliares [...] nem do Santo Padre, o Papa Paulo VI”.

Além dessas matérias, a influência de Dom Távora na produção desse periódico é evidenciada com a sua participação na escolha dos diretores José Padilha de Oliveira e Maria Luiza Gonçalves. Neste sentido, têm-se informações de que pelo menos dois dos diretores do período de 1965/1970 – de um total de quatro – foram escolhas suas, favorecendo a existência de uma linha política-ideológica mais progressista.

Outra modificação é a adesão ao movimento ecumênico, sendo essa postura evidenciada em vários momentos nas publicações. É o que ocorre, por exemplo, na matéria publicada na edição de 11 e 12 de setembro de 1965, intitulada como “Concílio da esperança”¹⁸. Aqui chama atenção para a necessidade do Concílio na modernidade e como ele vem aproximar a Igreja da pluralidade e das necessidades dos tempos atuais: “um grande preconceito vai desmoronando. O Cristianismo ou a Igreja, tem de atualizar-se com o mundo. O Concílio vem se esforçando por substituir-lhe as vestes do nosso tempo, para que o mundo se atualize com o Evangelho.”

O Concílio Vaticano II é visto ainda como uma forma de negação da discriminação, partindo do pressuposto de que qualquer forma de discriminação, seja no plano econômico, cultural, religioso ou social, nega a ideia de que todos os indivíduos são iguais. Essa postura aparece na matéria intitulada como “Campanha da Fraternidade 1967”¹⁹, do dia 11 de fevereiro de 1967. A campanha da fraternidade ocorre como evento anual da Igreja Católica desde o ano de 1964, o último ocorreu em 2018 e teve como tema “Fraternidade e superação da violência”, sendo sempre realizada de maneira ecumênica. A Campanha do ano de 1967, da qual trata a referida matéria, teve como lema “Somos todos iguais, somos todos irmãos”, em consonância com o espírito renovador do Concílio Vaticano II.

¹⁷ Uma Evidência Infeliz Envolve Arcebispo Brasileiro. *Jornal A Cruzada*, Aracaju, p.4, 17 e 18 jul. 1965.

¹⁸ Concílio da esperança. *A Cruzada*, Aracaju, p.3, 11 e 12 set. 1965.

¹⁹ Campanha da fraternidade 1967. *A Cruzada*, Aracaju, p.10, 11 fev. 1967.



Em “Liberdade religiosa”²⁰, de autoria de Dom Luciano Duarte, percebe-se que a liberdade religiosa aprovada no Concílio Vaticano II possibilita uma tolerância maior entre as religiões. Entretanto, fala que a verdadeira “verdade” está na religião católica, enquanto que as outras possuem algumas verdades. Já na matéria “Diretora de ‘A Cruzada’ faz palestra”²¹, publicado no dia 23 de março de 1968 deixa bem claro as mudanças na postura do jornal advindas das ideias do Concílio, ao noticiar a palestra proferida pela então diretora do periódico Luiza Maria Gonçalves em um centro espírita. Já em “Bispo auxiliar faz conferência na maçonaria”²² fala sobre uma conferência ministrada por Dom Luciano Duarte em uma maçonaria. Entretanto, é bom destacar que tal evento contou com a autorização da Igreja Católica, obedecendo, portanto, a hierarquia da Igreja.

Diferente do que ocorre no contexto da Ditadura pós-1964, no período do Estado Novo havia uma clara oposição às demais crenças religiosas, a exemplo do protestantismo, do espiritismo e a algumas instituições, como a maçonaria. Em “A maçonaria aliada ao marxismo”²³ fala de maneira negativa da maçonaria, afirmando que ela possui uma ligação com o marxismo. Tal postura é também encontrada no dia 10 de fevereiro de 1938, na matéria intitulada como “A ‘rentrée’ da ‘viuva’”²⁴, ao afirmar que a maçonaria é o braço direito do comunismo, devendo, desse modo, ser extinta de maneira permanente.

É interessante notar ainda que, a partir de 1964, a postura anticomunista é minimizada em relação às matérias de cunho ideológico do período do Estado Novo, ou seja, após as análises das fontes é possível concluir que aos poucos a postura agressiva vai sendo modificada, se tornando mais branda, principalmente após 1968.

Existe uma referência a essa oposição minimizada em “Católicos, marxistas e ateus”²⁵, a qual fala de eventos católicos que contaram com a participação de comunistas e de eventos marxistas em que católicos participaram. Sempre em tom cordial, afirma-se que esse diálogo é fundamentado pelos documentos elaborados pelo papa, nos quais defende a necessidade do diálogo com o ateísmo, e de maneira mais particular com o

²⁰ DUARTE, Luciano. Liberdade religiosa. *A Cruzada*, Aracaju, p.12, 25 e 26 set. 1965.

²¹ Diretora de “A Cruzada” faz palestra. *A Cruzada*, Aracaju, p.9, 23 mar. 1968.

²² Bispo auxiliar faz conferência na maçonaria. *A Cruzada*, Aracaju, p.1, 25 mai. 1968.

²³ A maçonaria aliada ao marxismo. *A Cruzada*, Aracaju, p.2, 11 jul. 1937.

²⁴ A “rentrée” da “viuva”. *A Cruzada*, Aracaju, p.2, 10 fev. 1938.

²⁵ Católicos, marxistas e ateus. *A Cruzada*, Aracaju, p.10, 02 e 03 out. 1965.



comunismo. Ou seja, a mudança no tom do discurso está em consonância com a hierarquia da Igreja.

Durante a ditadura civil-militar, o comunismo é bastante associado ao estado de subdesenvolvimento do país, nesse sentido, o comunismo é uma predisposição para os desfavorecidos. Nota-se essa referência em vários momentos, a exemplo das matérias “Para matar o comunismo é preciso antes matar a fome de muita gente”²⁶ e “O paiol de pólvora”²⁷. Nesta última, Dom Luciano Duarte fala que o homem pobre tende a optar pelo comunismo, já que não tem nada a perder, seguindo com mais facilidades os líderes desse modo de vida. Percebe-se que ele coloca o comunismo como uma última opção, não sendo uma escolha livre e totalmente consciente.

Além disso, constatou-se alguns indícios no próprio periódico que nesse momento é possível aproximar o comunista e o cristão, podendo um indivíduo ser os dois ao mesmo tempo, coisa que na década de 1940 era impossível. É obvio que nem sempre essa postura se mantém, afinal, em outras matérias desse mesmo contexto, afirma-se que essa relação não é possível, sendo um exemplo a matéria intitulada “Jamais Cuba Comunista”²⁸. Esta, chama atenção para a existência do perigo comunista na América Latina, e se questiona se o povo realmente quer abrir mão de sua liberdade e da índole cristã que possui, isso porque, segundo a matéria, não é possível conciliar comunismo e Igreja ao mesmo tempo. Fica evidenciado, ainda, o fato de que o país não precisa de nenhuma potência estrangeira para se desenvolver, destacando a importância de sua autonomia.

Entretanto, nota-se uma ausência dessa extrema oposição entre o comunismo e o catolicismo na matéria intitulada como “O degelo”²⁹. Aqui, Dom Luciano Cabral Duarte se questiona sobre as possíveis relações entre o mundo comunista e a Igreja Católica. Essa narrativa destaca que muita gente estranha as possíveis relações entre a Igreja e comunismo, pois ao mesmo tempo que o condena o papa também mantém uma relação próxima aos países comunistas. Como explicação, é dito que não é possível confundir o homem com as filosofias, ou, em outras palavras, independente das ideias, os homens em si não devem ser condenados. Por fim, salienta também que é possível ser socialista e cristão ao mesmo tempo, desde que o socialismo se concentre unicamente na esfera econômica.

²⁶ Para matar o comunismo é preciso antes matar a fome de muita gente. *A Cruzada*, Aracaju, p.4, 25 e 26 set. 1965.

²⁷ DUARTE, Luciano. O paiol de pólvora. *A Cruzada*, Aracaju, p.10, 28 e 29 ago. 1965.

²⁸ Jamais Cuba Comunista. *A Cruzada*, Aracaju, p.8, 29 jan. 1966.

²⁹ DUARTE, Luciano. O degelo. *A Cruzada*, Aracaju, p.8, 02 mar. 1968.



Isso ocorre, pois, o Evangelho não estabelece em nenhum lugar a respeito dos meios de produção, assim, não compete à Igreja decidir qual o sistema economicamente mais eficiente. Assim, “chegarão os comunistas a mudar e a compreender, um dia, que um cristão pode ser fiel à sua fé e livre de praticá-la, e, ao mesmo tempo, um bom cidadão de um país socialista, onde as leis verdadeiramente respeitam a liberdade individual e as consciências? Penso que sim”. Tal discurso, inclusive, foi influenciado por uma publicação de um jornal do Vaticano, nesse sentido, continua em sintonia com a hierarquia da Igreja Católica.

Em um documento elaborado pelo Serviço Nacional de Informação (SNI), que tem como objetivo falar de um livro de crônicas de Dom Luciano Cabral Duarte, deparou-se com uma referência a esta matéria – “O degêlo” –, reproduzida neste livro publicado em 1972. Por causa de seu conteúdo, D. Luciano é citado como favorável ao socialismo, ao falar que ele analisa com entusiasmo e admite a coexistência entre o marxismo e a religião. Isso ocorre, pois, as restrições ao comunismo giram, sobretudo, em torno das perseguições religiosas. Como ele condena tanto o comunismo como o capitalismo, afirma-se que falta nele “uma norma definida de conduta, como o propósito evidente de não criar áreas de atrito”³⁰.

A matéria do dia 1 de junho de 1968 ajuda a compreender melhor essa postura do jornal *A Cruzada*. Em “A resposta do silêncio”³¹, Dom Luciano Cabral Duarte fala que a encíclica *Populorum Progressio* do papa Paulo VI propõe uma nova divisão, algo que saía da divisão capitalismo versus comunismo. Assim, prefere-se falar em países do hemisfério norte – países desenvolvidos – e países do hemisfério sul – países subdesenvolvidos.

A mudança que ocorre na postura do jornal começa a se tornar mais nítida a partir do ano de 1968, que em diversas matérias acaba tratando da igreja, do comunismo e até mesmo da “Revolução”. Em uma matéria do dia 27 de janeiro de 1968, intitulada como “Em torno de uma declaração”³², fala sobre as divergências que existem na Igreja, e que, apesar de haver posturas mais conservadoras e posturas mais progressistas, existe uma consciência comum do episcopado brasileiro. Em seguida, alega que existe um mal-estar entre o governo e a Igreja, em parte porque se acredita que a Igreja não deve se envolver

³⁰ Apresentação sobre o livro “Estrada de Enaús” de D. Luciano Cabral Duarte, Arcebispo de Aracaju. SNI, ASV_ ACE_5077_82, 05 de abril de 1972. Arquivo da Comissão Estadual da Verdade – Jornalista Paulo Barbosa.

³¹ DUARTE, Luciano. A resposta do silêncio. *A Cruzada*, Aracaju, p.8, 01 jun. 1968.

³² DUARTE, Luciano. Em torno de uma declaração. *A Cruzada*, Aracaju, p.8, 27 jan. 1968.



em determinados assuntos. Fala também que a Revolução prometeu muita coisa, mas muito pouco foi de fato feito, justamente por isso que as reformas sociais prometidas são muito lentas. Dessa forma, nesse momento começa a aparecer as primeiras matérias que questionam, em diferentes proporções, evidentemente, a realidade vivida.

Uma postura semelhante encontrou-se no editorial do dia 13 de julho de 1968, intitulado como “O diálogo”³³. Aqui fala que o governo precisa dialogar com os estudantes brasileiros, já que não se trata de um movimento isolado. Assim, reitera que o governo por “falta de tempo” deixou de lado os problemas que afligem a população, e salienta que não há governo sem o povo.

Não é possível deixar de mencionar que no ano de 1970 – último ano de existência do jornal – encontra-se uma postura mais flexível em relação à postura conservadora da Igreja Católica, não que o periódico católico deixe de se colocar enquanto anticomunista, ou mesmo se coloque de forma explícita contrária a “Revolução” de 1964. Entretanto, adota posturas que dialoga um pouco mais com setores progressistas, se questionando, inclusive, a respeito das posturas contrárias ao governo militar de parte da Igreja.

5. Considerações finais

Foi possível concluir com a presente pesquisa que houve uma mescla entre as ideias progressistas e conservadoras durante o período que corresponde a ditadura civil-militar no jornal *A Cruzada*, uma vez que ao mesmo tempo que deu apoio a tal regime, defendeu as ideias próximas do Concílio Vaticano II. Nesse sentido, é interessante pensar que o discurso mais progressista que o jornal apresenta nesse período tem uma relação com a postura adotada pelos responsáveis pela sua produção. Foi justamente a partir desta compreensão que foi possível identificar a forma como a formação social dos intelectuais envolvidos teve uma influência significativa no discurso encontrado no jornal.

É possível, portanto, evidenciar que durante o período adotado na presente pesquisa, o jornal possui momentos e matérias mais reformistas e momentos e matérias mais conservadoras. Dessa forma, pode-se compreender, em meio às diferentes posições, a postura anticomunista adotada por este periódico produzido por uma ala da Igreja Católica em Sergipe.

³³ O diálogo. *A Cruzada*, Aracaju, p.2, 13 jul. 1968.



FONTES CONSULTADAS:

Atividades de membros da Igreja Católica. SNI, AC_ACE_12242_80, 03 de março de 1980. Arquivo da Comissão Estadual da Verdade – Jornalista Paulo Barbosa de Araújo. Localizado na avenida Augusto Maynard, 321, 2º andar, Aracaju/SE.

Encaminha fichas individuais de professores, reitores e diretores de faculdade. SNI, ASV_ACE_3937_82, 31 de março de 1969. Arquivo da Comissão Estadual da Verdade – Jornalista Paulo Barbosa de Araújo. Localizado na avenida Augusto Maynard, 321, 2º andar, Aracaju/SE.

Ovídio Valois Correia. SNI, ASV_ACE_4536_82, 29 de setembro de 1972. Arquivo da Comissão Estadual da Verdade – Jornalista Paulo Barbosa de Araújo. Localizado na avenida Augusto Maynard, 321, 2º andar, Aracaju/SE.

Registro de antecedentes. SNI, AC_ACE_59182_72, 08 de junho de 1972. Arquivo da Comissão Estadual da Verdade – Jornalista Paulo Barbosa de Araújo. Localizado na avenida Augusto Maynard, 321, 2º andar, Aracaju/SE.

SNI, ASV_ACE_3271_82, 23 de março de 1976. Arquivo da Comissão Estadual da Verdade – Jornalista Paulo Barbosa de Araújo. Localizado na avenida Augusto Maynard, 321, 2º andar, Aracaju/SE.

JORNAL A CRUZADA. Aracaju: 1937-1970.

LIVRO DO TOMBO DA CÚRIA DIOCESANA DE ARACAJU. Aracaju, n.1, 03 de junho de 1949.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE JUNIOR, Péricles Morais de. *Sob o olhar diligente do Pastor: a Igreja Católica em Sergipe (1831-1926)*. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

BARRETO, Raylane Andreza D. Navarro. *Os padres de D. José: O Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933)*. 2004. 130f. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2004.

DANTAS, Ibarê. *A Revolução de 1930 em Sergipe: dos tenentes aos coronéis*. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil: 1916-1985*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

MORAIS, Gizelda. *Dom Luciano José Cabral Duarte: relato biográfico*. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. 2000. 315 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo. 2000.



PEREIRA, Luciana de Lima. “A Igreja Católica em “*tempos mundanos*”: A luta pela construção de uma Neocrisandade em Teresina (1948-1960). 2008. 244 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Piauí, Piauí. 2008.

SILVA, Severino Vicente da. *Entre o Tigre e o Capiberibe*: Os limites do progressismo Católico na Arquidiocese de Olinda e Recife. 2003. 216 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco., Recife. 2003.